

O ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Eixo temático: Educação escolar e diversidade

Aline Duque da Costa

[Universidade Federal Rural de Pernambuco- UAG]

[aline_duquecosta@hotmail.com]

Camila Roberta de Holanda Araújo

[Universidade Federal Rural de Pernambuco- UAG]

[camilaholanda27@gmail.com]

Resumo: Esse trabalho consistiu em apresentar uma pesquisa realizada numa instituição de ensino da rede municipal de Garanhuns-PE com ênfase em analisar o ensino de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Assim, tivemos como objetivo geral analisar as práticas pedagógicas do ensino da Língua Portuguesa (LP) na Educação de Jovens e Adultos e, em especificidade, tivemos como objetivo: a) observar as práticas pedagógicas empregadas no ensino de LP na EJA; b) identificar concepções a respeito do processo de ensino na LP; e c) conhecer os recursos pedagógicos utilizados na sala de aula pelo professor no processo de ensino da LP. Nossas dimensões estudadas foram institucional e pedagógica, e a pesquisa foi etnográfica de cunho qualitativo. Através da análise dos dados obtidos, chegamos à conclusão de que o sujeito da pesquisa possui uma postura coerente às nossas fundamentações teóricas, nos mostrando que a contextualização dos conteúdos e a afetividade com os alunos na sala de aula da EJA são fundamentais.

Palavras-chave: Práticas pedagógicas. Língua Portuguesa. Educação de Jovens e Adultos.

1. INTRODUÇÃO

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino assegurada por nossa Constituição Federal. Quando a referida Lei traz em seu artigo 205 que a educação é direito de todos e dever do Estado juntamente com a família (BRASIL,1988), considera-se então que o Estado e todos os Entes Federados devem dispor de políticas públicas para a garantia desse direito. Dessa forma, a EJA ganhou espaço e meios para recorrer caso o seu direito público subjetivo, a educação, fosse negado.

Visando reafirmar a garantia da educação, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), Lei nº 93094/96, destina a Seção V para tratar dessa modalidade de ensino. Esta reafirma que a EJA será destinada para quem não teve oportunidade de ensino na idade regular, na qual os sistemas de ensino deverão assegurar a permanência do aluno adequando às condições de vida dos mesmos e, além disso, a EJA deverá ser articulada, preferencialmente, com a educação profissional (BRASIL,1996).

Na década de 1960, com a queda do Governo Goulart, época em que se exigia uma emergência política, a obra de Paulo Freire intitulada de “Educação como Prática da Liberdade” foi lançada e ganhou um grande significado que mudaria a Educação de Jovens e Adultos no país. O Brasil já vivia uma democracia, mas sendo esta fajuta considerando que a educação, nessa época, era uma ameaça ao poder. Um país onde metade da sua população era analfabeta e pauperizada e que, por essa razão, esse público não tinha direito ao voto, Freire atuou e provou que poderia alfabetizar um número alto de adultos em um curto espaço de tempo alfabetizando mais de 300 trabalhadores em cerca de 40 dias.

Assim, a liberdade de expressão é um aspecto fundamental na perspectiva pedagógica de Freire e isso fez da EJA uma modalidade de ensino a qual ganha um grande significado a bagagem cultural dos seus alunos. Por respeitar o conhecimento de seus discentes, Freire não os chamava de “analfabetos”, mas de “alfabeitizados”, dando a entender e considerar que estes eram seres em processo de conhecimento e desenvolvimento de aprendizagem.

Temos como justificativa, então, estudar teorias que nos subsidiem a respeito dessa modalidade de ensino nos embasando para reconhecemos os direitos dos jovens e adultos na EJA fazendo desse estudo uma forma de compreender a importância dessa modalidade na educação, mais especificamente no ensino de Língua Portuguesa, e a maneira de como essa importância é valorizada.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1 Fundamentação Teórica

Quando nossa Constituição atual refere-se à Educação como Direito de Todos percebe-se que não há restrição de público e que todos os cidadãos têm direito a uma educação de qualidade que garanta o desenvolvimento do estudante, o preparo para exercer a cidadania e para qualificação para o mercado de trabalho. Dessa forma, a EJA ganhou espaço

e meios para recorrer caso o seu direito público subjetivo, a educação, fosse negado. Na Constituição Federal de 1988 ainda é pautado que a oferta deve ser gratuita inclusive para o público que não teve acesso na idade regular e que deve existir uma oferta de ensino noturno, adequando-se à condição de trabalho do estudante (BRASIL, 1988).

Além da Lei Maior, temos Leis Infraconstitucionais que abrem espaços para a EJA, por exemplo, a LDB que, apesar de apresentar apenas dois artigos para essa modalidade de ensino, podemos considerá-la como um avanço significativo para a EJA. Essa Lei reafirma que essa modalidade destina-se a sujeitos que não tiveram acesso ao ensino e período regular, ou seja, na educação básica. A partir disso, a mesma pauta que

§ 1º Os sistemas de ensino assegurarão gratuitamente aos jovens e aos adultos, que não puderam efetuar os estudos na idade regular, oportunidades educacionais apropriadas, consideradas as características do alunado, seus interesses, condições de vida e de trabalho, mediante cursos e exames (BRASIL, 1996).

Ou seja, além da oferta, os sistemas de ensino deverão garantir a permanência do aluno a partir de oportunidades educacionais, do contexto e singularidade de seus alunos, voltando a Educação desses jovens e adultos para uma educação profissional. Dessa forma, os conteúdos trabalhados e sala de aula deverão ser adaptados para o contexto dessa modalidade de ensino para que esse ensino seja significativo na vida dos educandos.

Apesar de a pauta Legal não garantir efetivação de direitos, as Lei Constitucional e a Infraconstitucional referida acima possibilitou oportunidades para a EJA. A sociedade começou a preocupar-se com essa modalidade e outros documentos como o PCN e a Secretaria Municipal da Educação (SEDUC) abriram discussões sobre o assunto. Segundo esta última

“Em turmas de educação de jovens e adultos o professor deve acolher as diversas formas de expressão dos alunos, uma vez que estes trazem uma forte bagagem cultural que se expressa no vocabulário regional, sotaques, modismos e variações linguísticas que caracterizam a linguagem oral. Portanto, é preciso lembrar que a linguagem oral possui uma natureza mais flexível que a escrita pois são decorrentes de um contexto e “enraizamento” sociocultural” (SEDUC, Secretaria Municipal de Educação, ano 2008, p. 14).

Percebemos, então, a importância das variações linguísticas, a importância de respeitá-las. Cada aluno, principalmente na EJA, possui uma especificidade em sua fala. Cabe ao professor adequá-los às diversas atividades sociais. É importante destacar que não existe fala certa ou errada, existe o local adequado à diversidade que a compõe.

Em nossa pesquisa, salientamos a teoria freireana que diz que qualquer disciplina que seja trabalhada nas turmas da EJA, é de fundamental importância que essa traga a realidade e os valores para dentro da sala de aula e, dessa forma, que se trabalhe com as duas lado a lado. Paulo Freire dava ênfase também ao diálogo, aos debates realizados durante as aulas, assim como ele ressalta ao afirmar que

para ser um ato de conhecimento o processo de alfabetização de adultos demanda, entre educadores e educandos, uma relação de autêntico diálogo. [...] Nesta perspectiva, portanto, os alfabetizados assumem, desde o começo mesmo da ação, o papel de sujeitos criadores. Aprender a ler e escrever já não é, pois, memorizar sílabas, palavras ou frases, mas refletir criticamente sobre o próprio processo de ler e escrever e sobre o profundo significado da linguagem (FREIRE, 2002, p. 58).

Freire, então, ao retratar a urgência na qual o país se encontrava nos anos 1960, discutia a busca pela educação, pela liberdade de expressão, pelo direito a escolhas, pela consciência dos direitos e deveres e, assim, lutava por

Uma educação que possibilitasse ao homem a discussão corajosa de sua problemática. De sua inserção nesta problemática. Que o advertisse dos perigos de seu tempo, para que, consciente deles, ganhasse a força e a coragem de lutar, ao invés de ser levado e arrastado à perdição de seu próprio “eu”, submetido às prescrições alheias. Educação que o colocasse em diálogo constante com o outro. Que o predispusesse a constantes revisões. À análise crítica de seus “achados”. A uma certa rebeldia, no sentido mais humano da expressão. Que o identificasse com métodos e processos científicos (FREIRE, 1967, p. 90).

Assim como Freire contribuiu para a nossa pesquisa, os PCN de Língua Portuguesa voltados para a EJA também nos possibilitaram uma maior compreensão sobre a pesquisa. Os Parâmetros Curriculares também se baseiam nas teorias freireanas.

Tomando como foco a importância da oralidade com a intenção de formar um cidadão crítico e, também não ficando atrás, a importância dos gêneros textuais a serem trabalhados nas aulas e a maneira de como estes são passados para os alunos, tomamos como base propostas citadas nos PCN, como:

A tarefa de ensinar a ler e a escrever e tudo que envolve a comunicação favorece a formação dessa estrutura de pensamento específico e ajuda a desenvolver as habilidades que implicam tal competência. O trabalho com a oralidade e a escrita anima a vontade de explicar, criticar e contemplar a realidade, pois as palavras são instrumentos essenciais para a compreensão do mundo (PCN: Língua Portuguesa EJA, 2001).

Assim como tem sido discutido em nosso artigo, é dever da escola contribuir com a construção de cidadania, edificando os valores e direitos daqueles que dela participam. Como

função do Estado, a instituição de ensino zela pela aprendizagem de seus alunos e, junto a ela, também preocupa-se com a construção de valores.

Portanto, nessa perspectiva, entendemos a modalidade de ensino pesquisada como, também, um processo de ensino que deve estar intercalado com a construção de conscientização cidadã, levando sempre em conta o contexto, a realidade dos alunos. Segundo Santos, (1996), a cidadania não é nata, ela é algo que se constrói com o tempo até enraizar em cada cultura, ela é algo que se aprende e, por isso, deve ser valorizada, pois é algo que se conquista. Então, dessa forma, entende-se que estamos sempre em processo de cidadania, sempre postos a aprendê-la e conquistá-la cada vez mais. Nesse sentido, é necessário que a escola disponha de práticas pedagógicas significativas para esse processo, assim como retrata Callai (s/d) ao afirmar que

A ação educativa, marcada em suas linhas e entrelinhas pela cidadania, deve propor práticas pedagógicas, que possibilitem ao sujeito aprender os conteúdos escolares que permitem o acesso e a construção do conhecimento. Estes, por sua vez, contribuem no processo de seu reconhecimento como cidadão. Pelo fato de a escola cumprir com suas obrigações constitucionais, legais, sociais e culturais ela cumpre com sua tarefa de educar para a cidadania (CALLAI, s/d, p. s/p).

É necessário, portanto, que o corpo docente, junto à instituição como um todo, procure valorizar essa construção que é fundamental para a formação do ser pensante, crítico, participativo e capaz de ser autor da sua própria história. A comunidade escolar também é fundamental para que essa edificação ocorra com eficácia, pois a escola pertence a ela, então é se fundamentando nela e a partir dela que a escola deve agir e ser guiada.

2.2 Metodologia

Em nossa pesquisa de campo, buscamos enfatizar o ensino de Língua Portuguesa nas séries iniciais da EJA. O problema proposto foi conhecer as práticas pedagógicas que são utilizadas no ensino de LP numa turma de primeiro segmento da EJA. Tendo como objetivo geral buscar essas respostas, salientamos três objetivos como específicos: observar as práticas pedagógicas empregadas no ensino de LP na EJA, identificar concepções a respeito do processo de ensino na LP, e analisar os recursos pedagógicos utilizados na sala de aula pelo professor no processo de ensino da LP.

Nossas dimensões estudadas foram institucional e pedagógica, assim como afirma André (1995). Foi institucional por termos coletado dados da instituição como um todo e

pedagógica porque esse era o foco da nossa pesquisa: analisar as práticas pedagógicas desenvolvidas numa sala de aula específica.

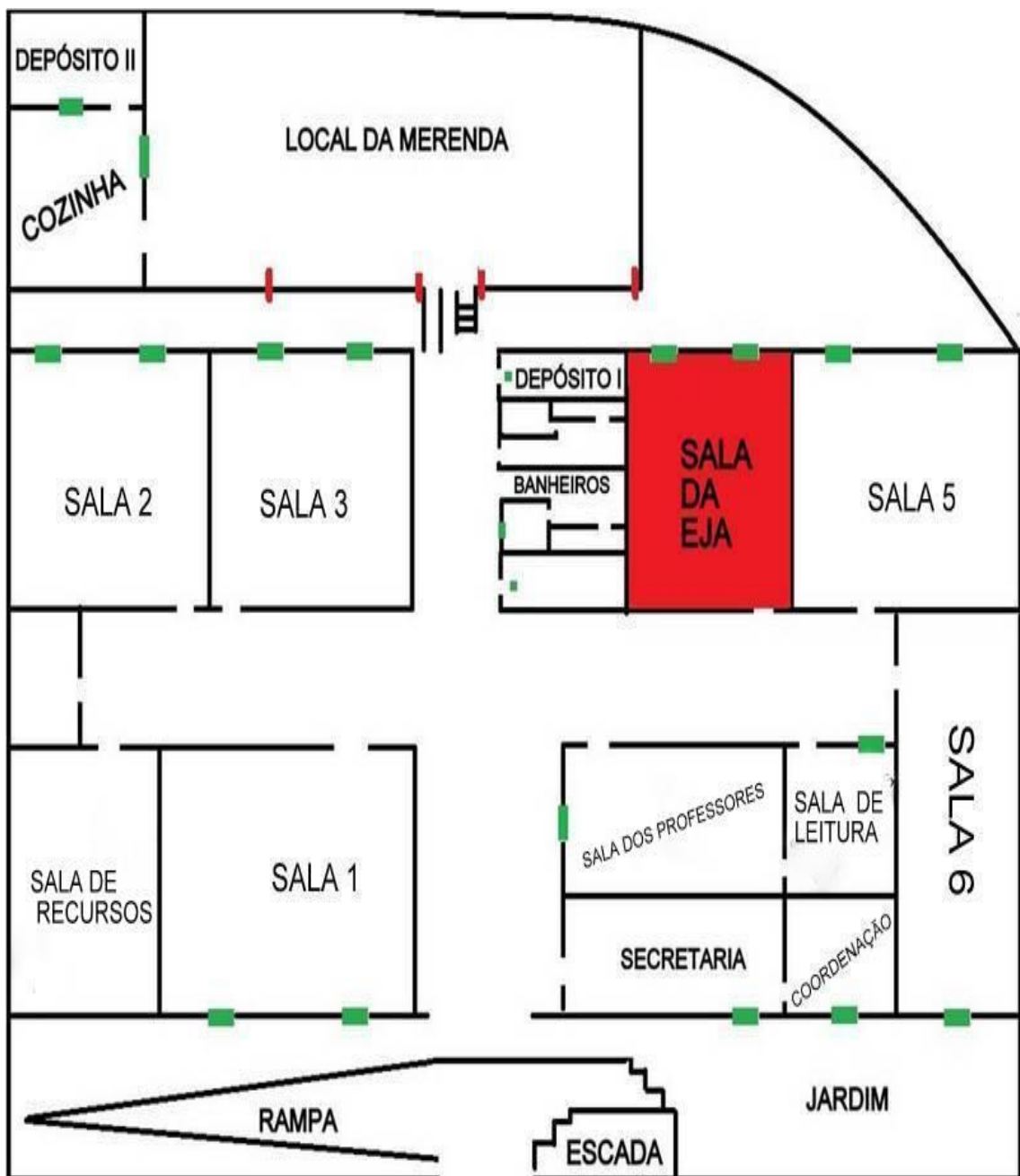
A pesquisa desenvolvida é etnográfica de cunho qualitativo como afirma André (1995). Etnográfica porque além da observação, também analisamos, tendo como foco principal, os hábitos, as práticas, as crenças, etc., dentro de um período de tempo organizado e seqüenciado. Tivemos, também, uma interação com o estudo, fomos o principal instrumento de análise e coleta de dados. A etnografia nos proporciona chegar mais perto do objeto de estudo, e a partir disso, observarmos a prática escolar no dia-a-dia. De cunho qualitativo devido à interpretação que fizemos à luz da teoria, da prática do professor, e esta não teria como quantificar em números, portanto nosso foco era quantificar os dados.

2.3 RESULTADOS E DISCUSSÕES

Foram cinco visitas realizadas totalizando dez horas de pesquisa e, em todas elas, houve a análise das práticas pedagógicas do ensino de LP realizadas pela professora na sala de aula.

No primeiro dia, 2 de julho do presente ano, averiguamos apenas como o trabalho da docente é colocado em prática e, nessa visita, observamos a sua prática pedagógica com gêneros textuais ao sermos informadas que todos os dias são trabalhados textos de variados gêneros estimulando, assim, a interpretação e reflexão dos alunos além de lhes informar a função social que cada texto lido tem na sociedade. No segundo dia, 9 de julho, também fizemos leitura de documentos oficiais nos quais levantamos dados institucionais como, por exemplo, os três projetos que a escola adota: Vamos Reconstruir o Mundo que trata da responsabilidade com o meio ambiente, visa conscientizar as crianças a tratar bem, a respeitar o seu meio de convívio; Iguais na Diferença que consiste em conscientizar as crianças a aceitarem as diferenças, esse projeto tem ênfase na inclusão social; e Mãos que Cuidam que visa integrar os parceiros intersetoriais da instituição a cuidarem das crianças e exercer-lhes a cidadania, esses projetos fazem parte da proposta pedagógica Despertar. Analisamos também o horário de funcionamento da instituição, o corpo docente constituído de 19 professores, o número do corpo discente totalizando em 424 alunos e, entre estes, 26 portando-se de necessidades especiais. Na terceira visita, 11 de julho, coletamos algumas atividades que foram trabalhadas na sala de aula. É importante salientar que as atividades sempre são antecipadas de diálogos sobre o texto a ser trabalhado. Muitas delas tratavam de valores e a docente estimulava seus alunos a discutir sobre cada um deles exemplificando momentos e

fatos da vida cotidiana onde cada valor poderia ser melhor aplicado. Dessa forma, a professora também utilizou-se de outra disciplina para trabalhar a Língua Portuguesa nela tornando a atividade mais rica em conteúdo. No penúltimo dia, 8 de agosto, elaboramos o croqui com o intuito de identificar a localização da sala que foi pesquisada e fornecer dados institucionais como, por exemplo, identificar a lei 10098 de 19/12/00 decerto 53296 de 02/12/04 que garante uma estrutura que promova a acessibilidade na instituição.



E, no último dia, 11 de agosto, além da observação, fizemos a entrevista com a professora onde vinculamos as respostas com as suas práticas dentro da sala de aula e chegamos à conclusão de que o que foi relatado condiz com as suas práticas no seu trabalho.

Na entrevista foi esclarecida as práticas pedagógicas vinculadas sempre à realidade e aos valores e a necessidade que ela encontra de sempre conquistar seus alunos de maneira especial, pois, todo professor tem essa precisão em seu trabalho, mas o professor da EJA tem isso como uma necessidade ainda maior tendo em vista a evasão contínua e cada vez mais frequente nessas turmas.

Em todas as visitas efetuadas, a professora antes de começar sua aula trazia um texto, onde se trabalhava valores, como meio de incentivar os alunos nos estudos e em suas vidas. E utilizava o mesmo para fazer com eles uma interpretação textual.

De acordo com o que lemos e observamos, notamos que a professora carrega um embasamento teórico e vincula à realidade de cada aluno. Ela é Graduada em Letras, tem especialização em Língua Portuguesa e é mestranda em Ciências da Educação, portanto, apesar de não possuir o curso de Licenciatura em Pedagogia, a docente mostrou desempenhar um papel importante para o aluno da EJA e trabalhou com eles de modo a apresentar resultados eficazes.

Nas aulas, ela procura saber a opinião do aluno a respeito dos assuntos tratados para que com isso, ele tenha um discurso crítico e saiba se posicionar nas diversas situações sociais, como é proposto no PCN de Língua Portuguesa da EJA.

De acordo com Freire, podemos perceber que ela sabe mostrar a importância da leitura e escrita na vida daqueles alunos, a importância que terá fora da escola.

Cada texto que é trabalhado, a docente relaciona com a vida dos alunos e deixa uma lição para que eles levem para a vida. E como Freire ressalta, é fundamental trazer a vivência dos alunos para dentro da sala de aula.

Mostrando a importância da linguagem para vida social, ela vincula outras matérias com a língua portuguesa, destacando a necessidade da mesma em todas as disciplinas. É isso que os PCN trás, a importância de se trabalhar com a interdisciplinaridade. Os parâmetros curriculares propõem ainda a necessidade de trabalhar os gêneros textuais e suas funções sociais e ainda, passar o conceito da linguagem sem padronizá-la como certa ou errada. Esses aspectos foram vistos durante a pesquisa. Cada dia era trabalhado um tipo diferente de gênero e mostrava-se quando eles seriam utilizados e o porquê que isso ocorria. A professora mostrava e aceitava também os diferentes usos da linguagem a fim de fazer com que seus alunos adequassem aos diversos discursos fora do âmbito escolar.

Pudemos perceber que a prática pedagógica realizada pela docente está de acordo com que é estabelecido pelas teorias estudadas. Ela sabe trabalhar de forma adequada com os

alunos da EJA, estimulando-os e com isso diminuindo a evasão, questão que é constante nessa área da educação. Com isso, percebemos que a teoria da aprendizagem efetuada pela professora é sócio-interacionismo, de Vygotsk. Segundo essa teoria, é importante proporcionar um espaço para que ocorra um diálogo e a interação, para que o aluno trane-se independente e o prepare para a vida fora do âmbito escolar. Vygotsk diz que a interação das pessoas e do meio é o que desencadeia a aprendizagem.

Para nos aproximarmos dos significados atribuídos à EJA pela regente de sala, fizemos uma entrevista e dentre várias perguntas a questionamos sobre sua prática de ensino, se os alunos respondiam com exatidão ao método aplicado. Logo, ela nos responde com a seguinte fala: “Sim, porque eu me baseio numa metodologia que é contextualizada de acordo com o contexto deles, aí eles respondem direitinho ao que eu questiono, porque é do interesse deles” (2013). Percebemos a importância de preocupar-se com o contexto social dos alunos a fim de que eles compreendam melhor os conteúdos mediados, porque, assim como foi falado pela professora, é do interesse deles, faz parte da vida deles.

Foi perguntado, também, sobre a utilização do material didático disponibilizado pelo governo. Segundo a professora, ela não utiliza com frequência pela descontextualização do pouco material que o Governo oferece. Desse modo, a docente utiliza o que é relevante e faz uso de outras estratégias de ensino que se adequem ao contexto de seus alunos.

A professora retrata bem a importância do professor da EJA, o exemplo que deve ser dado, a atenção, a confiança, aspectos importantes que devem ser representados e vividos todos os dias de aula para que esses alunos que apresentam características de desmotivação adquiridas por uma série de razões, voltem a sentirem-se capazes de aprender e desenvolver-se. Ao ser questionada como define a sua importância na sala de aula da EJA, a professora responde que

Se você é professor, você não tem condições de ensinar em turma de EJA, você tem que ser educador, porque primeiro você tem que amar, né? É muita dificuldade por conta do problema maior que é a evasão, aí você tem que conquistar eles, [...]. Aí pra mim a minha importância é essa, é passar esse papel tão importante que é de... é... de confiança, de passar confiança pra eles pra eles confiarem em mim (FALA DA PROFESSORA, 2013).

Dessa forma, a professora parece compreender bem essa importância, essa postura que o professor deve ter em sala de aula. Atrelando as observações à resposta dada à entrevista, nota-se que a compreensão permanece na sua prática e na sua teoria. Portanto, ao ser perguntada sobre os métodos que ela considera adequados para trabalhar no ensino-aprendizagem, ela responde:

O método, eu posso me basear em diferentes teóricos, certo? Porque eu posso me apoiar neles e não tê-los com um fim em si mesmo. [...] e outra questão também, eu não deixo de trabalhar valores, valores pra mim é imprescindível para prática docente, porque a educação está do jeito que ela está, porque o professor, na maioria das vezes, não trabalha valores (FALA DA PROFESSORA, 2013).

Dessa forma, através da sua fala, a docente se mostra capacitada e consciente sobre essa modalidade de ensino, da importância que esta representa para o seu público alvo. Ao contextualizar, ela abre as portas para a maior compreensão de seus alunos e, de acordo com as observações e a entrevista, essa contextualização ficou notória na nossa pesquisa.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com o embasamento teórico, concluímos nossa pesquisa e percebemos que a docente estudada realizava um trabalho minucioso com cada aluno. Ela preocupava-se com cada um de forma particular.

A professora consegue atingir o objetivo de suas aulas, que é produzir o conhecimento em cada aluno. Nelas, os alunos não costumavam faltar, todos participavam ativamente, através de perguntas e discussão dentro de sala.

Era aberto um espaço para que a prática da linguagem fosse executada, a fim de todos saberem elaborar discursos fora daquele contexto. Trabalhavam gêneros textuais e sua função social e, a todo momento, a professora mostrava a importância da linguagem para vida deles.

Percebemos, no decorrer das visitas e na pesquisa como um todo, o desafio de trabalhar com alunos da EJA. O qual contribuiu muito para nossa formação futura, nos mostrando a importância de ser um profissional competente que conheça e entenda seus alunos.

Contribuiu, ainda, para nós conhecermos como é fundamental esse tipo de pesquisa, a importância de conhecer o âmbito escolar como um todo e suas singularidades, como a sala de aula. Mostrou-nos que o professor faz toda diferença na vida de um aluno, é um exemplo na vida deles.

Tivemos, também, uma grande contribuição acadêmica e para nossa vida através dessa pesquisa realizada. Enfatizamos ainda mais como é necessária a ética e a neutralidade de nossas concepções diante do que é analisado.

Portanto, chegamos à conclusão de que a professora pesquisada, no contexto de ensino de Língua Portuguesa numa turma de primeiro segmento da EJA, possui um rico embasamento teórico, compreende o que se deve fazer na sala de aula e tem confiança do trabalho que realiza. A nossa pesquisa nos traz a compreensão do quanto que é importante a tarefa que o professor tem de fazer com que o aluno entenda, compreenda o poder que a palavra possui.

Essa pesquisa nos trouxe grandes contribuições, nos arrematou a importância que o professor pode representar na sala de aula. Os textos que foram lidos como embasamentos teóricos e a prática, que tivemos a oportunidade de assistir no decorrer da pesquisa, nos enriqueceram de conhecimentos e mudou nossa concepção de ensino. O ensino de LP permite a interação social entre os indivíduos, oferece melhor compreensão e análise do mundo, fornece ao ser humano a capacidade de tornar-se crítico e independente.

ENTREVISTA

1. Os alunos estão respondendo com exatidão ao método de ensino aplicado?

Sim, porque eu me baseio numa metodologia que é contextualizada de acordo com o contexto deles, aí eles respondem direitinho ao que eu questiono, porque é do interesse deles.

2. Você utiliza com frequência os materiais que são mandados pelo Governo do estado?

Eu utilizo, mas não com frequência, porque acredito que o material que chega, que na verdade só chegou um livro esse ano, foi o primeiro livro e chegou agora no segundo semestre, e é... ele é completamente descontextualizado da situação dos alunos. Então eu utilizo o que eu acho relevante, o que não é relevante eu não utilizo. Aí eu utilizo outras estratégias, mas que completa, complementa aquele conteúdo que seria abordado naquele objetivo, naquele livro.

3. Como você define a sua importância como professora para os alunos da EJA?

É... eu me sinto importante no sentido primeiro de educadora, porque se é professor e se é educador. Se você é professor, você não tem condições de ensinar em turma de EJA, você tem que ser educador, porque primeiro você tem que amar, né? É muita dificuldade por conta do problema maior que é a evasão, aí você tem que conquistar eles, utilizar de metodologias que você realmente consiga que eles gostem de você, que eles aprovelem o que você diz, que eles confiem, porque o mais importante é a confiança. Quando eles confiam em você fica mais fácil deles aprenderem. Aí pra mim a minha importância é essa, é passar esse papel tão importante que é de... é... de confiança, de passar confiança pra eles pra eles confiarem em mim.

4. Quais os métodos que você julga como adequados para que ocorra a aprendizagem?

O método, eu posso me basear em diferentes teóricos, certo? Porque eu posso me apoiar neles e não tê-los com um fim em si mesmo. Por quê? Porque eu vou ter que trabalhar sempre partindo do contexto deles. Quando eu trabalhar é... deixa eu dar um exemplo claro: eu trabalho com alunos que usam drogas, então eu vou trabalhar é.. somente algo relacionado à burguesia, à elite, pra eles não vai interessar. Eu tenho que bolar uma estratégia que traga à tona a questão das drogas, que traga os benefícios, que traga os malefícios, mas que tragam as causas, que tragam as consequências, o porquê deles estarem ali. Então eu procuro com eles trabalhar, e outra questão também, eu não deixo de trabalhar valores, valores pra mim é imprescindível para prática docente, porque a educação está do jeito que ela está, porque o professor, na maioria das vezes, não trabalha valores.

5. Por que você adotou esse método de ensino? Ele está dando resultados?

Eu acredito, eu confio... Eu confio porque eu vejo progresso, eu vejo progresso nos alunos. Eu acho interessante que tem aluno que diz assim: todo dia eu aprendo uma coisa nova. Eu acho linda a fala dele, porque diz: todo dia eu aprendo uma coisa nova. Então quer dizer que ele chegou aqui digamos como um vaso que tava vazio e todo dia esse vaso vai se enchendo com alguma coisa, com alguns conteúdos que vai servir não apenas pra aprendizagem deles, mas como vida, porque eu sempre gosto muito de dizer a eles: se eu tiver aqui pra ensinar a vocês só a ler e a escrever eu não fiz nada, eu tenho que ensinar a vocês algo que sirva pra vida, porque daí vocês vão dar continuidade, né? No que vocês almejem.

6. Como é feito o seu planejamento?

Veja, eu faço um planejamento, eu fiz um planejamento anual. E eu não sigo a risca, por quê? Porque na aula, eu trago a aula pronta, mas aí surge a necessidade de se trabalhar outros assuntos, de maneira nenhuma eu vou seguir o planejamento. Eu vou tecê-lo, eu vou relacionar, posso até relacionar àquele conteúdo, mas a situação que for ocorrida naquele momento, porque é muito mais interessante.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza D. A de. **Etnografia da prática Escolar**. São Paulo: Papirus, 1995, p. 41-48.

BRASIL, **Constituição Da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988**. 35º ed.- Brasília: Câmara dos Deputados, edições Câmara, 2012.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e Bases: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. 8º ed.- Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2013.

BRASIL, Ministério da Educação. **Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: proposta curricular -1º segmento**. Brasília, 2001, p. 1.

CAMAÇARI-BAHIA. Secretaria Municipal de Educação. **Educação para jovens e adultos: ensino fundamental: orientações curriculares – 1º segmento**. Camaçari, 2008, p. 14.

CALLAI, Helena Copetti (org). **Educação e Cidadania**. Rio Grande do Sul, s/d, s/p.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 10ª ed. São Paulo. Paz e Terra. 2002, p. 58.

FREIRE, Paulo. **Educação como Prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1967, p. 90.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.